



Cidade cuidadora: redesenhos do urbanismo modernista periférico pelo viés de gênero

Caring City: urbanism redesigns of peripheral modernist through gender bias

Rayelli Bárbara Miranda Ribeiro¹; Mariana Roberti Bomtempo²

RESUMO

Tendo em vista a ausência de espaços públicos que ofereçam suporte às necessidades cotidianas das mulheres, pretende-se discorrer sobre a relação da mulher com esses espaços. Para isto foi traçado um breve panorama das lutas travadas pelos direitos das mulheres, que se alinha à história da luta feminista, em seguida, é abordada a relação de poder entre os gêneros e as suas consequências na cidade. Através da análise da morfologia do território objeto da intervenção, cujo desenho sofreu influência do urbanismo modernista e apresenta setorização segregada e traçado urbano díspar, foi desenvolvido um *masterplan* de redesenho da malha urbana que objetiva uma cidade acolhedora, que busca facilitar as atividades de cuidado e por fim se propõe um resgate da memória de mulheres símbolo da resistência.

Palavras-chave: mulher; gênero; urbanismo; espaço público; cidade.

ABSTRACT

Bearing in mind the absence of public spaces that offer support to women's daily needs, we intend to discuss the relationship of women with these spaces. For this, a brief overview of the struggles fought for women's rights was drawn, which is aligned with the history of the feminist struggle, then the power relationship between genders and its consequences in the city is addressed. Through the analysis of the morphology of the territory object of the intervention, whose design was influenced by modernist urbanism and presents segregated sectorization and disparate urban layout, a masterplan was developed for a redesign of the urban fabric that aims at a welcoming city, seeks to facilitate care activities and finally proposes a rescue of memory of women symbol of resistance.

Keywords: woman; gender; urbanism; public place; city.

¹ Graduada em arquitetura e urbanismo – Uniceplac. E-mail: rayellib@gmail.com

² Mestre em arquitetura e urbanismo – Uniceplac. E-mail: mariana.bomtempo@uniceplac.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A análise do uso do espaço público sob a ótica da perspectiva de gênero pretende abrir o debate para a necessidade de novas metodologias de planejamento e intervenções no espaço público.

Tendo como referência a análise do uso do espaço público com a perspectiva de gênero no Setor Central da Região Administrativa (RA) do Gama, pela sua concepção influenciada pelos preceitos modernistas, analisando urbanisticamente conforto, segurança, presença de equipamentos públicos, usos diversos, densidades qualificadas, áreas de lazer e comércios, qualidade das calçadas, da iluminação, entre outros fatores que podem facilitar a vivência da mulher no espaço urbano.

Pretende-se adotar uma perspectiva interseccional, através da qual é possível inferir que não somente as mulheres cis são as pessoas mais afetadas, portanto pela perspectiva de gênero pretende-se incluir no público-alvo mulheres cis, mulheres trans³ e travestis, que serão tratadas ao longo do texto apenas com o termo “mulheres”.

Este trabalho propõe elaborar um estudo sobre como as intervenções nos espaços públicos podem contribuir para ampliar o direito à cidade da população responsável pelas atividades de cuidado, através da elaboração de intervenções nos espaços públicos com foco em melhoria na segurança, conforto e em suporte a seus diversos usos possíveis, como estratégia para o cumprimento do direito à cidade e avanço na conquista da equidade de gênero.

2 PANORAMA TEÓRICO E HISTÓRICO

2.1 Histórico da luta feminista

Ao tratar da questão de gênero é necessário retomar ao histórico das lutas das mulheres por direitos, e conseqüentemente é importante tratar do movimento feminista que tem papel fundamental na conquista de direitos, organização política das mulheres e divulgação de teorias.

³É considerada uma pessoa cisgênero a que se identifica com o seu gênero biológico. Já a pessoa transgênero não se identifica com o gênero biológico, este termo pode abranger também a identidade de travesti.

O movimento feminista teve início no Reino Unido, entre os séculos XVIII e XIX, mas apenas chegou ao Brasil no início do século XIX, pelas elites e através de manifestações pacíficas, tendo em vista a necessidade de manter os padrões sociais impostos às mulheres na época. Devido às suas origens com a classe média e alta, ainda com influência patriarcal, tratou-se de um movimento com perspectivas inicialmente excludentes e no decurso da história progrediu em suas reivindicações e popularização.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), fundada em 1922, atuava em prol dos direitos das mulheres e teve papel fundamental na conquista do direito ao voto no Novo Código Eleitoral Brasileiro de 1932, ainda que esse não fosse um direito pleno, pela exigência de autorização do marido ou posse de fonte de renda, representou um avanço na participação feminina na política.

Durante a ditadura militar no Brasil, entre 1964 e final dos anos 1980, o movimento feminista negro se desenvolveu, ocorreram as primeiras manifestações feministas e a Organização das Nações Unidas (ONU) foi fundamental para a continuidade do debate durante o período de grade repressão da ditadura, organizando eventos no Brasil e na América Latina voltado às pautas feministas. Com o fim da ditadura o movimento entra em período de ebulição, com novos temas em pauta nas reivindicações e a compreensão da relação de dominação do homem sobre a mulher e a violência doméstica (PINTO, 2010, p. 16).

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), criado em 1985, juntamente com o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) foram fundamentais para a Constituição Brasileira de 1988 ser considerada uma das que mais garante direitos para as mulheres (PINTO, 2010, p. 17). A partir da década de 1990 os movimentos urbanos se intensificam, com propostas de novas práticas políticas e garantia dos direitos das mulheres, e levanta novos questionamentos e reflexões sobre o impacto das diferenças de gênero no dia a dia das mulheres.

2.2 Relações de poder no espaço público e privado

As relações de poder na sociedade vão além da dominação de classes, há também a dominação do homem sobre a mulher anterior ao capitalismo, mas essencial para a manutenção deste sistema, e que tem raízes no patriarcado, que



estabelece essa dominação de acordo com o gênero (SAFFIOTI, 2004, p. 45; 2001, p. 129).

O gênero é uma construção sociocultural, que define um lugar social e espacial a ser ocupado pelo indivíduo, sendo ao homem atribuído o espaço público, portanto a cidade e o trabalho produtivo e remunerado, e à mulher o espaço privado, ou seja, a casa e o trabalho reprodutivo que são as atividades de cuidado e fundamentais à vida humana e à manutenção da mão de obra remunerada, no entanto o trabalho reprodutivo é não remunerado e desvalorizado (MONTANER, MUXÍ, 2014, p. 197).

Como resultado dessa relação desigual e da desvalorização do trabalho de cuidado, as cidades são planejadas a partir das necessidades e perspectivas masculinas, tornando-se excludentes para as mulheres quando analisadas na escala do pedestre, sua configuração espacial, presença de equipamentos públicos, transporte público e infraestrutura urbana. As experiências femininas nas atividades de cuidado trazem uma nova forma de observar e avaliar o espaço público, e assim apresenta novos desafios ao planejamento das cidades.

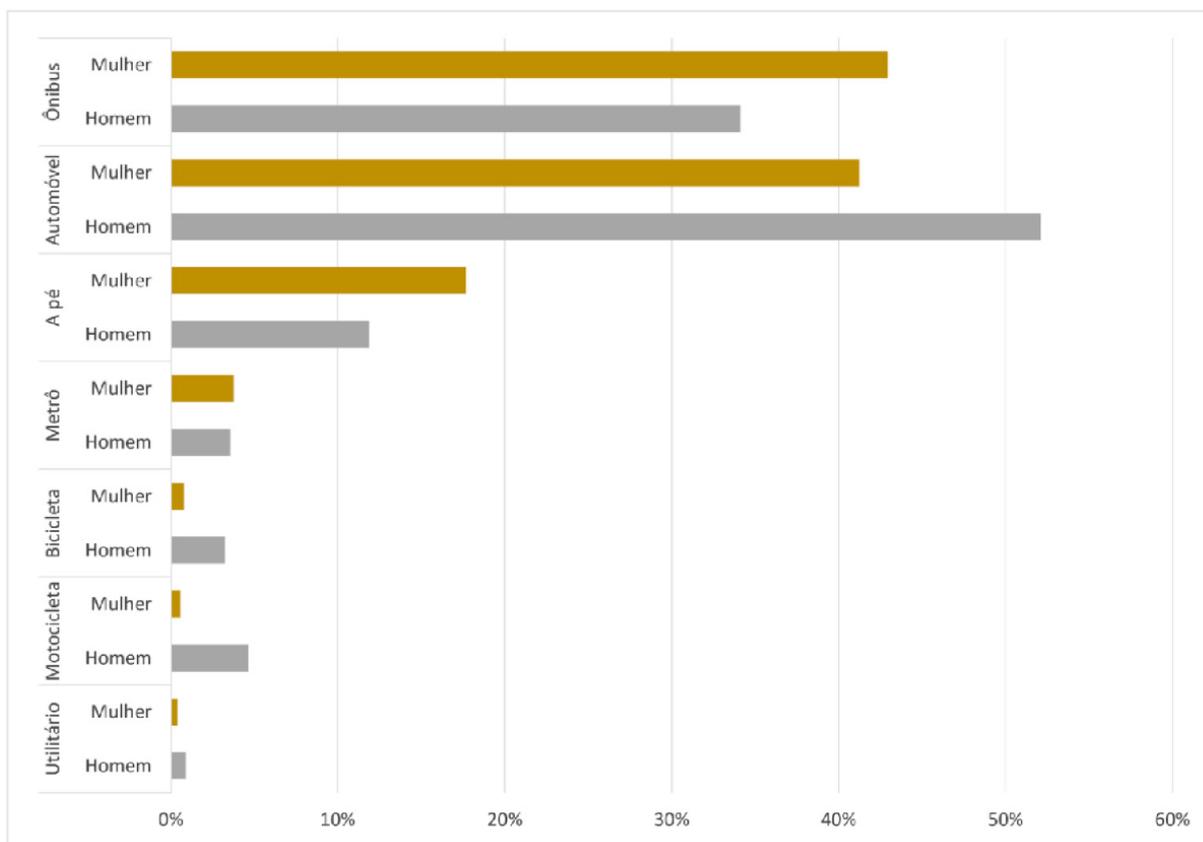
3 LOCAL DE ANÁLISE E INTERVENÇÃO

Brasília foi inaugurada em 1960, com plano urbanístico de Lúcio Costa e edifícios projetados por Oscar Niemeyer. Segundo dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), o Distrito Federal (DF) abriga 33 Regiões Administrativas (DEURA/CODEPLAN, 2017).

Utilizando o relatório Como anda Brasília: Um recorte a partir dos dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios, realizado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), foram extraídos dados para análise do território do DF.

Segundo este relatório (Gráfico 1) é possível afirmar que as mulheres utilizam mais os ônibus (42,94%) e andam mais a pé (17,68%) do que os homens que utilizam mais o automóvel (52,11%), seguido pelo ônibus (34,11%), o que abre a perspectiva para a implementação de trajetos e pontos de paradas de ônibus que atendam melhor às necessidades desse público.

Gráfico 1 - Percentuais de utilização dos modos de deslocamento para o trabalho por gênero. Distrito Federal, 2018



Fonte: Codeplan, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD 2018, GEREPS/DIEPS/Codeplan.

Ademais as mulheres apresentam um considerável aumento do deslocamento a pé ao longo da vida, o que faz necessária a análise da qualidade da infraestrutura necessária para o conforto e segurança nesse deslocamento, visto que em geral a pessoa idosa apresenta também dificuldade de locomoção e diminuição da visão.

A Região Administrativa do Gama (Figura 1) fica localizada a aproximadamente 30 km da rodoviária do Plano Piloto e é dividida em seis setores: Norte, Sul, Leste, Oeste, Central e Industrial.

Figura 1 - Mapa macro – Distrito Federal; mapa meso – Gama e regiões próximas; mapa micro – Setor Central



Fonte: Elaborado pelas autoras com base de dados do Geoportal, 2021.

O local selecionado para intervenção é o setor central do Gama, que permite acesso a todos os demais setores da Região Administrativa. Abriga grande parte dos equipamentos públicos comunitários, prédios residenciais e comércios, na Figura 2 é perceptível a escassa presença de equipamentos de esporte e lazer.

Analisando a mobilidade, verifica-se que existem apenas ciclovias, que acompanham poucas das principais vias. O setor abriga a rodoviária, que se conecta com linhas de ônibus do entorno do Distrito Federal e com as linhas de integração do BRT. Majoritariamente as linhas de ônibus circundam o setor.

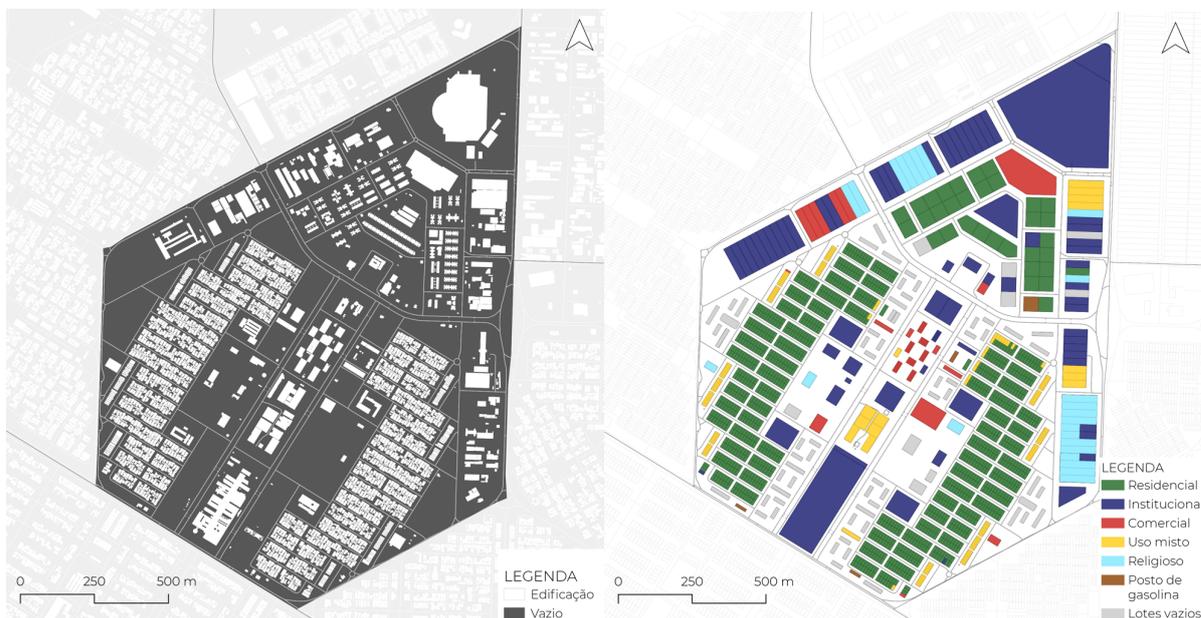
Figura 2 - Mapa de equipamentos públicos e mapa de mobilidade



Fonte: Elaborado pelas autoras com base de dados do Geoportal, 2021.

Analisando a Figura 3, o uso residencial ocupa uma grande área do setor, os comércios e usos institucionais estão no eixo central e as áreas ao norte. Muitos lotes e projeções encontram-se vazios, criando grandes áreas sem uso, o que fica evidente no mapa de vazios.

Figura 3 - Mapa de vazios e mapa de uso



Fonte: Elaborado pelas autoras com base de dados do Geoportal, 2021.

4 PROPOSTA

Com base nos estudos realizados e problemáticas levantadas, propõe-se uma intervenção objetivando a inclusão e suporte à vida cotidiana, possibilitando a autonomia e a execução das atividades de cuidado. A proposta visa a intervenção na malha viária, cicloviária e de transporte público, novo parcelamento em decorrência da intervenção na malha viária e novas áreas de lazer. Na malha viária propõe-se a continuação das vias já existentes, ultrapassando os vazios e possibilitando novos trajetos e acessos.

Através do levantamento das medidas das caixas viárias, é proposta uma nova classificação das vias existentes e novas, considerando as novas conexões (Figura 4). Assim como a remodelação do desenho das mesmas, priorizando a destinação de espaço ao pedestre e ciclista. Sendo assim, baseado no Guia Global de Desenho de Ruas (*Officials National Association of City Transportation*, 2018) e no Guia de

Urbanização (Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação, 2017), são propostas como categorias, de vias: via de pedestre, via de vizinhança, via de atividades e via de circulação.

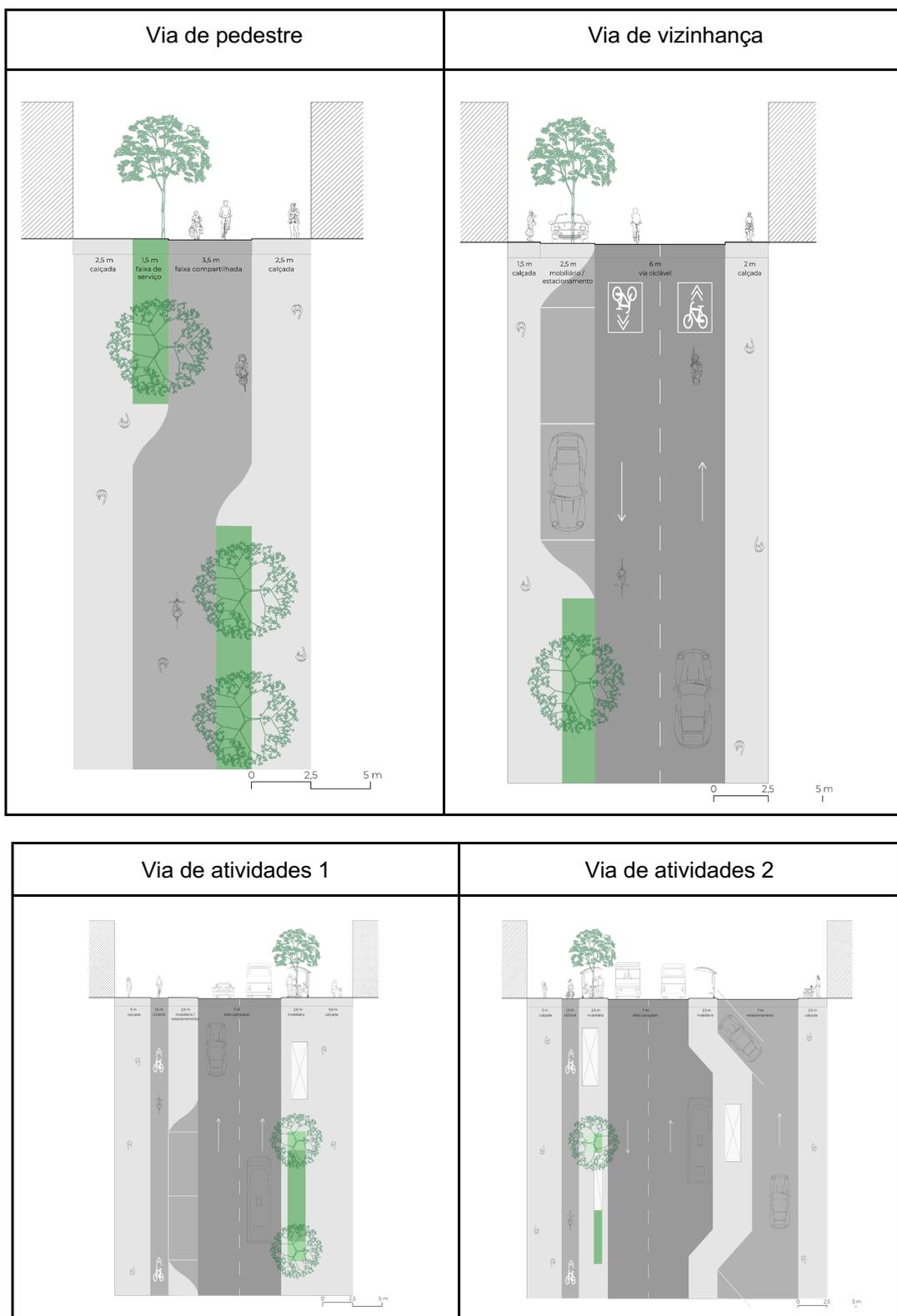
Figura 4 - Mapa viário proposta e mapa de classificação viária



Fonte: Elaborado pelas autoras com base de dados do Geoportal, 2021.

A via de pedestre é proposta onde atualmente existem becos e visam a destinação ao pedestre e ciclistas. A via de vizinhança 1 e 2 (Tabela 1) possuem o leito carroçável compartilhado com o ciclista e se diferenciam pela localização e estacionamentos. A via de atividades 1 e 2 conecta o setor no sentido leste/oeste e apresenta ciclovia e pontos de parada de ônibus.

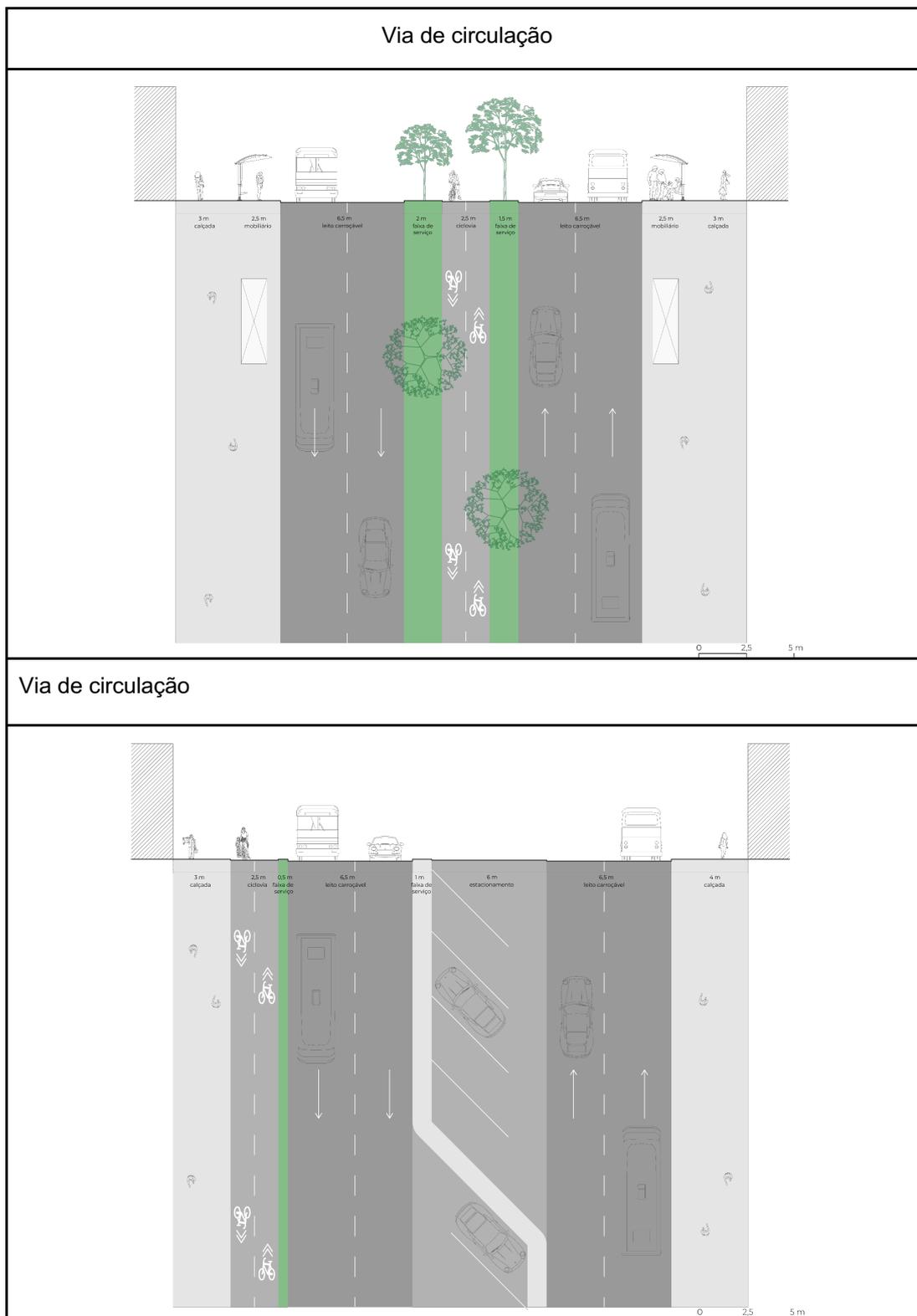
Tabela 1 - Cortes e plantas viárias - via de pedestre, de vizinhança e de atividades



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

A via de circulação (Tabela 2) possui canteiro central, onde abriga estacionamento, conforme o original ou o canteiro central abriga a ciclovia.

Tabela 2 - Cortes e plantas viárias - via de circulação



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Na malha viária, considerando as ciclovias criadas nas vias de circulação, e de atividades, e considerando as vias de pedestre e de atividades como ciclorrotas, o

resultado é um setor com ampla possibilidade de acessos de bicicleta. Priorizando a proximidade entre as residências e os pontos de parada de ônibus, são propostos novos percursos para as linhas de ônibus, assim como novas paradas nos percursos existentes e novos (Figura 5).

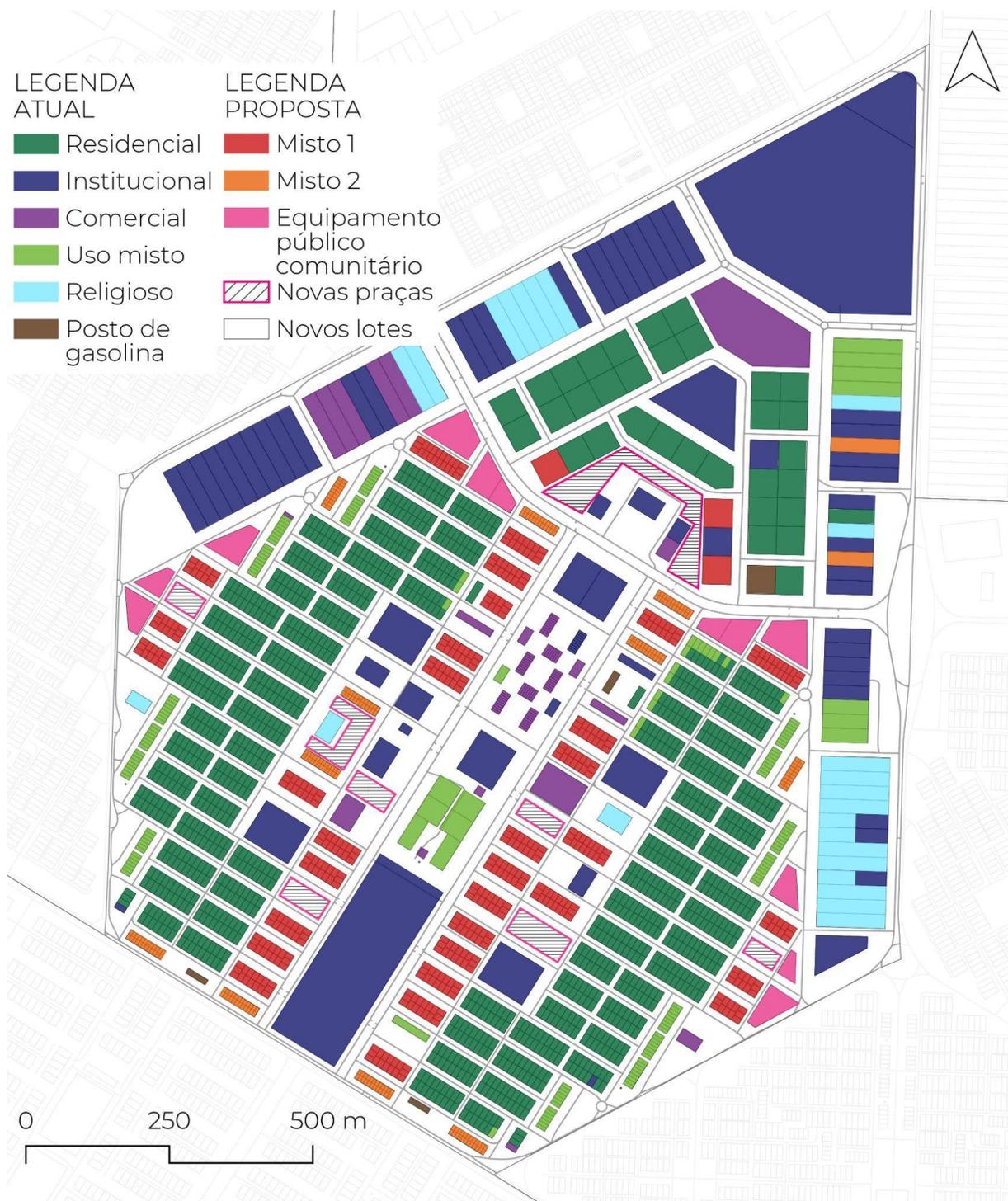
Figura 5 - Mapa ciclovitário proposta e mapa de transporte público proposta



Fonte: Elaborado pelas autoras com base de dados do Geoportal, 2021.

Com as novas vias propostas (Figura 6), são criados novos quarteirões onde propõe-se a ocupação por lotes de uso misto, equipamentos públicos e comunitários e praças. A altura estabelecida considera a medida da caixa viária variando entre 26 e 30 metros.

Figura 6 - Mapa de uso proposto



Fonte: Elaborado pelas autoras com base de dados do Geoportal, 2021.

4.1 Praças

Entre os novos quarteirões, foram destinadas oito áreas para praças (Figura 7), e visto que seis destas já possuem o entorno consolidado, portanto, são propostas ocupações com homenagens a mulheres que possuem a história relacionada à Brasília ou relevância nacional, sendo elas: Fumiko Kanegae, Carolina Maria de Jesus, Dorothy Stang, Pureza Loyola, Luiza Erundina e Adna Santos.

Figura 7 - Mapa de localização das praças propostas



Fonte: Elaborado pelas autoras com base de dados do Geoportal, 2021.

Em homenagem à Fumiko Kanegae, propõe-se a praça (Figura 8) próximo à administração regional que já recebe um tratamento cuidadoso da vizinhança. A vida de Fumiko foi dedicada à agricultura, portanto a proposta é a ocupação com horta comunitária, novos equipamentos de lazer infantil e pavimentação de novos caminhos.

A praça que homenageia Carolina Maria de Jesus (Figura 8) se localiza em frente a uma escola infantil pública, por ser uma das primeiras escritoras negras do Brasil, a ocupação proposta é completamente dedicada às crianças, com áreas de atividades de diversas intensidades, áreas de descanso para os responsáveis e arborização.

Figura 8 - Praça Fumiko Kanegae e Praça Carolina Maria de Jesus



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Na praça próxima a uma igreja católica, propõe-se a homenagem a Dorothy Mae Stang (Figura 9), que era uma religiosa norte-americana e lutou pelo reflorestamento na Amazônia e sofreu muitas ameaças ao longo de sua trajetória. Para a praça a proposta é possibilitar a ocupação por eventos da igreja, com área pavimentada e área de reflorestamento com vegetação do cerrado.

Para Pureza que se dedicou à luta contra o trabalho análogo à escravidão em fazendas, enquanto estava em busca de seu filho que desapareceu em busca de emprego, a praça a homenageá-la (Figura 9) se localiza próximo à rodoviária, abrigando as trabalhadoras e trabalhadores ambulantes, com amplas coberturas possibilitando sua permanência e áreas de permanência com vegetação.

Figura 9 - Praça Dorothy Stang e Praça Pureza

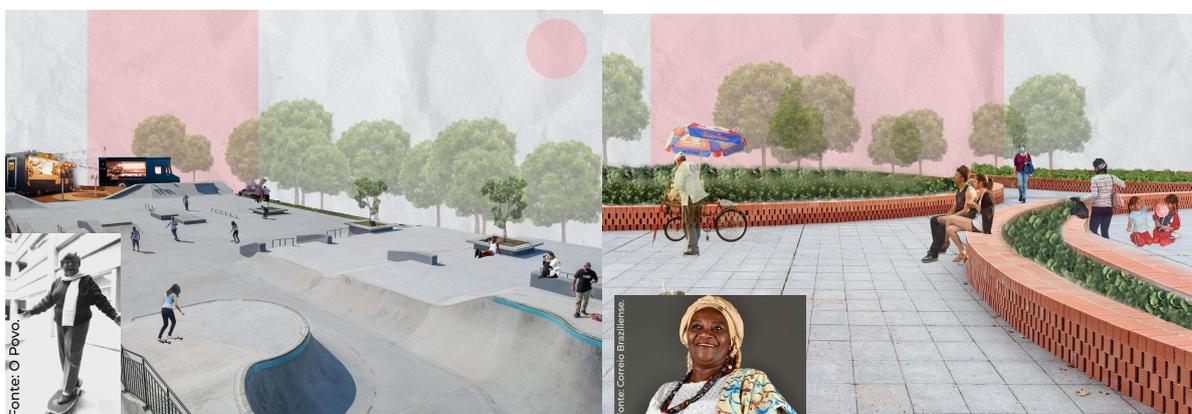


Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Próxima à praça Dorothy Stang, em homenagem à Luiza Erundina de Souza, propõe-se uma praça destinada aos jovens com pista de skate e área para food-truck com arborização, devido sua atuação enquanto prefeita de São Paulo, onde liberou a utilização de *skate* (Figura 10).

Adna dos Santos de Araujo atua como militante do movimento negro e participa da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO), onde busca a interligação dos conhecimentos das religiões de matriz africana e o Sistema Único de Saúde (SUS). Homenageada na praça próxima ao hospital (Figura 10), a proposta traz canteiros elevados para o cultivo de ervas medicinais em um calçadão fazendo a interligação e arborização.

Figura 10 - Praça Luiza Erundina e Praça Adna Santos



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando compreender como a mulher ocupa e vivencia a cidade, realizou-se uma retomada histórica e teórica sobre os movimentos de luta das mulheres por direitos e como o espaço público se tornou um lugar negado à mulher.

A análise do espaço urbano pela perspectiva de gênero no Setor Central do Gama revelou problemas que muitas vezes não são percebidos pelos usuários, assim como as potencialidades do local.

A proposição de uma nova malha urbana visa uma cidade conectada e densa, que atende às necessidades das pessoas responsáveis pelas atividades de cuidado, ofereça diversidade de serviços, e comércios, próximos às residências, almejando uma cidade inclusiva e que promova o direito à cidade.

A inclusão de mulheres e suas diferentes perspectivas no planejamento urbano e priorização da atenção às suas necessidades enquanto pessoas responsáveis pelas atividades de cuidado é capaz de promover a garantia do direito à cidade aos mais diversos grupos.

REFERÊNCIAS

- ANTON, Javier. **Fotografia**. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/968658/festival-concentrico-07-sustentabilidade-experiencias-espaciais-e-novas-leituras-do-espacopublico?ad_medium=gallery. Acesso em: 10 nov. 2021.
- BASSALO, José Maria Coelho. **Fotografia**. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/623364/feira-da-cidade-meia-dois-nove-arquitetura-e-consultoria?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 10 nov. 2021.
- BÉJAR, César. **Fotografia**. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/966638/parque-natural-huentitan-sprb-arquitectos?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 10 nov. 2021.
- CESB. **Obra estúdio**. Disponível em: <http://www.obraestudio.com/portfolio/cesb/>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- COHEN, Guy. **Fotografia**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/915974/renovacao-do-calcadao-central-de-tel-aviv-mayslits-kassif-architects>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- DEURA/CODEPLAN. **Como anda Brasília**: um recorte a partir dos dados da pesquisa Distrital por amostra de domicílios. Distrito Federal. 2020. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-COMO-ANDA-BRAS%C3%8DLIA-Um-recorte-a-partir-dos-dados-da-Pesquisa-Distrital-por-Amostra-de-Domic%C3%ADlio.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.



DUCCI, Daniel. **Fotografia**. Disponível

em: https://www.archdaily.com.br/br/755090/residencial-corruias-boldarini-arquitetura-e-urbanismo?ad_medium=widget&ad_name=recommendation. Acesso em: 10 nov. 2021.

EQUIPE ARCHDAILY BRASIL. **Projeto transforma espaços ociosos em hortas urbanas em Roraima**. Disponível

em: <https://www.archdaily.com.br/br/954815/projeto-transforma-espacosocios-em-hortas-urbanas-em-roraima>. Acesso em: 10 nov. 2021.

EVGRAFOV, Evgeny. **Fotografia**. Disponível

em: https://www.archdaily.com.br/br/940973/praca-azatlyk-drom?ad_medium=gallery. Acesso em: 20 nov. 2021.

EXTRA FESTAS. **Bandeirinha**. Disponível

em: <https://www.extrafeira.com.br/bandeirinha-festa-junina-deplastico-10-metros>. Acesso em: 20 nov. 2021.

GIANTOMASI, Leonardo. **Fotografia**. Disponível

em: https://www.archdaily.com.br/br/972019/cevejarria-van-been-tap-house-vertentes-arquitetura?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 10 nov. 2021.

HANDFORTH, Philip. **Fotografia**. Disponível

em: https://www.archdaily.com/960284/al-faypark-sla?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 20 nov. 2021.

HJORTSHØJ, Rasmus. **Fotografia**. Disponível

em: https://www.archdaily.com/884956/park-nplay-jaja-architects?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 20 nov. 2021.

KUHLMANN, Marcelo. **Fotografia**. Disponível em: <https://revistanatureza.com.br/os-segredosdo-cerrado/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LEHOUX, Nic. **Fotografia**. Disponível

em: https://www.archdaily.com/876449/mountain-lakepark-playground-bohlin-cywinski-jackson?ad_medium=widget&ad_name=recommendation. Acesso em: 10 nov. 2021.

LEHOUX, Nic. **Fotografia**. Disponível

em: https://www.archdaily.com/876449/mountain-lakepark-playground-bohlin-cywinski-jackson?ad_medium=widget&ad_name=recommendation. Acesso em: 20 nov. 2021.

LONG ISLAND PRESS. **Food Truck**. Disponível

em: <https://www.longislandpress.com/2021/04/28/what-is-the-best-food-truck-on-long-island/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Guilli, 2014.

OFFICIALS NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION. **Guia global de desenho de ruas**. São Paulo: Senac, 2018.

PINTO, Céli Regina. Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.



SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu - desdobramentos do feminismo**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Gabriel. **Pista de skate em Paranaguá**. Disponível em: <https://www.paranagua.pr.gov.br/noticias/noticia477.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO DO TERRITÓRIO E HABITAÇÃO. **Guia de Urbanização**. 1. ed. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2017.

